

O velho e a morte

The old and the death

Lucy Gomes
Altair Macedo Lahud Loureiro
Vicente Paulo Alves

RESUMO: A aceitação da velhice leva ao reconhecimento das próprias restrições e da finitude, pois a mesma, que não tem início definido, possui um fim claramente estabelecido: a morte. Na sociedade atual, a palavra de ordem é silenciar quando se trata da morte e também da velhice, na medida em que ela é tida como seu prenúncio. Assim, é importante que os profissionais de saúde não permaneçam no silêncio quanto à questão da morte nos atendimentos aos idosos. Esta temática deve ser abordada com naturalidade, pois, à medida que as pessoas tomam consciência de sua finitude, passam a compreender a vida em sua complexidade e podem rever seus valores.

Palavras-chave: Velhice; Morte; Idoso.

ABSTRACT: *The old age acceptance leads to the recognition of their own limitations and of their finitude, which has no definite beginning but has an ending clearly established: the death. In today's society, the order is silence when the focus is the death and also the old age, because this is regarded as its harbinger. Thus, it is important that health professionals in the care of the elderly should not remain silent on the question of death. This issue should be addressed naturally, because as people become aware of their finitude, they understand life in its complexity and may revise their values.*

Keywords: *Old Age; Death; Elderly.*

No dia seguinte, ninguém morreu. O facto, por absolutamente contrário às normas da vida, causou nos espíritos uma perturbação enorme, efeito em todos os aspectos justificado, basta que nos lembremos de que não havia notícia nos quarenta volumes da história universal, nem ao menos um caso para amostra, de ter alguma vez ocorrido fenómeno semelhante, passar-se um dia completo, com todas as suas pródigas vinte e quatro horas, contadas entre diurnas e nocturnas, matutinas e vespertinas, sem que tivesse sucedido um falecimento por doença, uma queda mortal, um suicídio levado a bom fim, nada de nada, pela palavra nada.
(Saramago, 2005)

Desde o início de sua vida, o ser humano está sujeito à supressão de sua existência. De fato, isso significa que o homem é um ser destinado a morrer. Essa situação desperta diversas formas de enfrentamento, que variam de um ser para outro. É no desenrolar das reflexões acerca de sua existência, que o homem lapida em seu ser o significado da morte.

O medo de morrer, talvez um dos mais profundos sentimentos humanos; provém do receio da destruição física do corpo, o qual, na sociedade contemporânea é valorizado de forma narcísica em sua materialidade externa. Esta sociedade, pautada pelo produtivismo e consumismo, adota o jovem como seu principal modelo e, conseqüentemente, estigmatiza a velhice. Renegar a velhice está ligado à não-aceitação de corpos que evidenciam a marca dos anos, os quais são o oposto do idealizado padrão jovem no modelo social atual, talvez porque a velhice seja a fase que mais se aproxima da morte. Sua aceitação leva ao reconhecimento das próprias restrições e da finitude, pois a velhice, que não tem início definido, mas se acredita que possua um fim claramente estabelecido: a morte (Kovács, 2002).

França (2006) afirmou que há duas formas básicas de mudanças que envolvem a fase de vida da velhice: a primeira, de maneira consciente e tranquila, reconhecendo o que há de importante nessa etapa de vida para desfrutá-la da melhor maneira, mesmo com limitações, surgindo imagens mais positivas da velhice e do envelhecimento; a segunda, com grande intensidade, quando associada à doença e incapacidade, quando os

idosos tendem a representar imagens negativas da velhice. Tudo depende da relação que a pessoa estabelece com sua própria velhice.

Soares, Silva, Rosa, Galvão e Ribeiro (2009), entrevistando idosos institucionalizados sobre sua compreensão da velhice, obtiveram respostas que apontavam para as formas básicas propostas por França (2013): uma maneira intensa e complicada (fase ruim ou triste); e outra, a tranquila (processo natural). Para os idosos, a incapacidade para realizar tarefas os entristece por estarem relacionadas à inutilidade. Para muitos, velhice era sinônimo de morte. Estes autores descreveram que a perspectiva da morte passava a ser mais decisiva com a chegada da velhice. O avanço da idade também poderia trazer a vivência de perdas, pois muitas pessoas que morrem estão próximas ao idoso e pertencem à sua faixa etária, tais como cônjuge, amigos e familiares.

Para os mais jovens, a morte é uma ideia remota, que pode acontecer um dia. Para os velhos, é algo que pode vir amanhã. Por isso, muitos velhos passam o tempo que lhes sobra olhando apenas numa direção, o passado, pois sabem que ali não vão encontrar o que temem e o que o futuro lhes reserva: a morte. Em nossa sociedade, morte e velhice são encaradas como sinônimas, ambas constituindo um tabu, uma ameaça à ilusão de imortalidade alimentada pelo mundo moderno. Visto que ainda existem muitos mitos envolvendo este tema, o primeiro a ser rompido é o da velhice ser sinônimo de morte. Embora tanto uma, quanto outra, sejam universais e democráticas, não escolhendo sexo, idade ou classe social, não estão condicionadas uma à outra (Loureiro, 2007). Os idosos, às vezes, reconciliam-se com uma velhice infeliz com o mote de que "é melhor ser velho do que ser morto".

A finitude humana passa a ser mais decisiva com a chegada da velhice. Frumi e Celich (2006), entrevistando idosos do Rio Grande do Sul, observaram que eles entendem que a morte é um fato; no entanto, têm muita dificuldade para assumi-la como algo pertencente à natureza humana. De acordo com Kastenbaum e Aisenberg (1983), o medo de morrer está inserido em duas categorias de sofrimento: sofrimento pessoal, associado ao sofrimento físico e à indignidade; e sofrimento vicário, relacionado ao desconforto de presenciar o sofrimento do outro.

O medo da morte é descrito por Shakespeare (1975), em “*Measure for measure*” (*Medida por medida*), da seguinte maneira:

*A vida terrena mais desgastada e mais odiosa,
Que a idade, a dor, a penúria e o isolamento
Podem impor à natureza, é um paraíso
Confrontada com nosso temor pela morte.*

Segundo Yalom (2008), o conhecimento da própria finitude mobiliza o *quantum* de ansiedade necessária à estabilidade do funcionamento psíquico, pois a ideia da morte não pode ser conscientemente tolerada por tempo indefinido pelo ser humano, sob a pena de ameaçar a integridade de sua organização psíquica. A angústia da morte é um sentimento onipresente, com influência sobre a autoestima, não devendo ser confundida com o medo da crueldade, do abandono ou da destruição, embora esteja na raiz profunda desses medos. Desse modo, visando a garantir a sobrevivência, o organismo sabiamente efetua a repressão do sentimento que o atormenta desde tempos imemoriais: o pavor da aniquilação, o medo da morte (Py, Pacheco & Oliveira, 2009).

O medo da morte está presente no psiquismo humano de diversas maneiras, a saber: fobias, neuroses, crises e inseguranças. Para evitar pensar na morte como uma ocorrência pessoal possível e factível, expurgamos da consciência o medo de morrer através da realidade ilusória de que a vida seguirá sempre o seu curso, da mesma maneira e com as mesmas pessoas. Quando, porém, a consciência desperta em meio à anestesia do cotidiano para o fato de que nunca estaremos em absoluta segurança, o temor da morte poderá irromper, até sob a forma de surtos psicóticos (Becker, 1973). Jung (1964) afirmou que “são os mesmos jovens que têm medo da vida, que mais tarde terão medo da morte”.

Kovács (2009) comentou que, com a idade, a morte vai sendo mais aceita, por ser este o caminho natural de todos. Os sujeitos vão envelhecendo e a tendência é a aproximação da morte, sendo isso uma certeza. Assim, os idosos teriam menos medo da morte do que os jovens. Seriam as condições da própria morte que os preocupam, muito mais que a morte propriamente dita. O que muitos temem é a agonia de uma doença terminal ou de ficarem sozinhos e desamparados quando doentes (Gomes, 2004).

Entretanto, Oliveira (2008) mostrou que o temor e a angústia vivenciados por idosos pernambucanos são muito grandes diante da morte. Segundo a autora, não existe, entre os idosos, maior aceitação desse acontecimento, porque eles não o consideram um evento bom. Essa angústia é maior ainda porque esses sujeitos afirmam que antes eram as crianças que morriam mais, mas agora são os velhos. Eles associam a velhice à morte, porque são eles que mais adoecem e mais morrem. Segundo eles, é preciso aceitar essa morte que vem sem esperar e de forma imprevisível. O medo de deixar sozinhos os filhos ou netos que são dependentes também é aterrorizante. Por isso, preferem não pensar na morte, “para que não morram mais cedo”. A autora verificou que falar da morte lhes causava desconforto, pois ela era associada a sentimentos de caráter pejorativo, como se fosse um golpe de traição.

Soares *et al.* (2009), ao pesquisarem o significado da morte em idosos institucionalizados, observaram que a maioria mostrou-se incomodada, associando a morte à tristeza. Poucos entendiam a morte com naturalidade, ou seja, um evento que se faz presente na vida de todo ser humano. A sociedade, marginalizando os velhos que deixam de ser funcionais em relação ao seu projeto e os abandonando em Instituições de Longa Permanência de Idosos (ILPI), muitas vezes provoca, nos mesmos, desejo de sua própria morte, visto que se sentem inferiorizados, humilhados e imprestáveis (Loureiro, 2000). Há a possibilidade de que muitas das doenças somatizadas pelos velhos nada mais sejam do que resultado da solidão, abandono e carência emocional, fatores que os conduzem a um estado depressivo e que aceleram sua deterioração física e mental, levando-os à morte. A reação dos velhos ao tratamento desumano muitas vezes a eles dispensado, leva-os a não ingerir os remédios, a não seguir os preceitos médicos, a desobedecer às proibições de fumo e bebida, a recusar os alimentos e a enfrentar situações que sabem lhes serem maléficas (Carvalho, Gomes & Loureiro, 2010). Para eles, a velhice é encarada como a “sala de espera” ou a “ante-sala da morte” (Morais, 1977). Muitas vezes, se revoltam e autodestroem, o que não é percebido como tal, pelo fato de que, nesta faixa etária, a morte acidental confunde-se com a natural.

Há sujeitos idosos que pedem que se termine com seu sofrimento e sua agonia de espera. Se a pessoa não vê nenhum sentido em sua vida, sentindo-se apenas uma carga e uma preocupação para os entes queridos, acha que até está fazendo um ato

heroico e um sacrifício imolando a própria vida. Entretanto, é preciso considerar que, mesmo sem adotar nenhum princípio religioso, o ato de eliminar a própria vida é rejeitado, estando associado à interdição do suicídio e assassinato (Novaes e Trindade, 2007). Preparar-se para consentir em morrer é diferente, refletindo sobre a passagem da morte, dando um sentido próprio e verdadeiro à mesma.

Oliveira (2008) verificou que idosos de grupos de terceira idade e ILPIs, na região metropolitana de Recife (PE), acham que a palavra velho é depreciativa à faixa etária, sendo uma forma de mascarar a velhice e transformá-la numa etapa da vida na qual somente coisas boas acontecem. Entretanto, em Carnaíba, cidade do interior deste mesmo estado, onde não existe mercado de consumo para idosos, esta percepção é diferenciada, e os sujeitos na terceira idade não gostam de ser chamados de idosos, mas sim de “veios”. Nesta última cidade, eles ainda desempenham o papel de testemunhas da história e chefes da família, sendo valorizados por seus conhecimentos adquiridos com o tempo. Mas, ao contrário do esperado, esses idosos também não lidam com a morte de forma naturalizada, isto é, com a morte esperada e compartilhada por todos os que têm alguma aproximação com o moribundo (Ariès, 1977). Para eles, a morte sentida e chorada, é considerada como um acontecimento indesejado e/ou ruim.

Desde a infância até a velhice, pressupõem-se perdas e seu luto para cada fase específica do desenvolvimento. Segundo Bowlby (1999), o apego íntimo a outros seres humanos é o núcleo em torno do qual gira a vida da pessoa até a velhice. Portanto, quando ocorrem rompimentos de laços, há perdas, pressupondo-se o luto. Não muito diferente é o luto decorrente da perda do corpo jovem, da perda da saúde e do aparecimento dos sinais de múltiplas doenças crônicas que acometem grande parte da população idosa. Entretanto, na sociedade ocidental, continuamos com o desejo de negá-las por diversos motivos, a saber: desejo de prolongar indefinidamente a juventude; motivado pela ação da mídia e da indústria de consumo; e fascínio social com os avanços da medicina; e a tentativa de banir a morte e os moribundos do cenário social, com o objetivo de evitar conviver com a angústia da finitude (Py & Oliveira, 2006).

Segundo Loureiro (2000), usamos no imaginário os sentimentos de sofrimento, apego, perda e medo como armas contra a angústia do passar do tempo e o medo da

morte, buscando lutar contra a finitude da vida por acreditarmos em nossa imortalidade. Esses sentimentos são normais e fazem parte do processo de perda. A maioria das pessoas refere-se ao medo da perda como sendo o medo da morte, relacionado aos vínculos materiais e afetivos que formamos ao longo dos anos em nossas vidas e se enraizaram pela cultura do poder, já que na sociedade ocidental não fomos acostumados a perder (Gomes, 2004; Gomes, Alves, Freitas & Vianna, 2006). Por isso, talvez, tenhamos tanta dificuldade em entender e aceitar a morte com naturalidade.

A experiência de morrer e seu enfrentamento ocorrem de maneiras diferentes em cada período histórico (Ziegler, 1977). A época medieval foi o período em que, de acordo com Ariès (1977), a morte era aceita de forma mais amena e sem ser caracterizada como algo atemorizante. Como nesta época as mortes mais frequentes eram por doenças ou nas guerras, era muito mais fácil se prever a data em que os indivíduos morriam. Com isso, o próprio moribundo planejava sua despedida dos que permaneceriam vivos. Ao pressentir sua morte, o moribundo recolhia-se em seu quarto e era acompanhado por parentes, amigos e vizinhos para cumprir o ritual público de pedir perdão por suas culpas, destinar seus bens e esperar o momento chegar. Não havia caráter dramático ou gestos de emoção excessivos.

Nos tempos atuais, a morte não ocorre em casa, mas em hospitais, unidades de terapia intensiva e é, prioritariamente, acompanhada por profissionais de saúde. Dessa maneira, ocorreu o afastamento do momento da morte na maior parte das sociedades ocidentais da atualidade. Elias (2001) afirmou que a exclusão dos moribundos na sociedade indica que somos mais sensíveis em relação ao sofrimento e ao ritual da morte do que os homens que viveram na Antiguidade e na Idade Média. A proximidade da morte causa nas pessoas desconforto e constrangimento e as leva a se afastarem daqueles que estão morrendo. Além desse afastamento físico entre os que estão morrendo e os que estão vivendo, há outra dimensão que pode ser atribuída a tal relação: a simbólica. Kovács (2009) afirmou que, atualmente, estamos mais próximos da morte e que isso ocorre devido ao desenvolvimento das telecomunicações. A morte se faz presente diariamente em nossos lares através da televisão, com cenas de morte, violência, acidentes e doenças, tornando-se companheira cotidiana, invasiva e sem

limites. Então, embora tão próxima, ocorre um grave distúrbio na comunicação denominada conspiração do silêncio.

A morte, no modelo social atual, é relegada a segundo plano, não devendo ser discutida, como se isso pudesse evitá-la. É aquela temática interdita, que deve ser escondida, institucionalizada, medicalizada, sem grandes demonstrações de dor pelos enlutados, não mais portadora de ritos. A palavra de ordem é silenciar quando se trata da morte e também da velhice, na medida em que ela é tida como seu prenúncio. Silenciamos, em parte, porque fomos educados para o sucesso idealizado e deturpado, onde não há espaço para tristeza, velhice, doença e morte. Parte dessa educação contém, ainda, o desejo de fugir da angústia existencial de cuidar dos moribundos, dos idosos gravemente doentes ou de tratar temas relativos à morte (Py, Pacheco & Oliveira, 2009).

As perturbações provocadas pela morte acontecem porque o homem teme a perda de sua identidade (Morin, 1970). Assim, a morte será aceita ou não como uma coisa natural dependendo da seguinte crença: ou termina tudo ou há outra vida, seja determinada pela fé, intuição ou comprovada pelos arquétipos do inconsciente coletivo que aparecem nos mitos, nos contos e nos sonhos. Considerar essa vida como uma passagem ou não, faz, portanto, muita diferença. A vida individual interior abrange dimensões, a religiosa e a espiritual, cabendo a cada um descobri-las. Não faz diferença quais sejam as respostas que obteremos sobre se existe alma, se existe vida após a morte ou se existe reencarnação. O que temos que fazer é reconhecer nossa humanidade comum. No que diz respeito ao que acontece após a morte, o que tiver de ser será, quer acreditemos ou não. O fato de estarmos procurando significa que já se estabeleceu uma ligação espiritual. Não se estaria procurando alguma coisa se não houvesse a crença de que ela existe.

A representação social da morte traz a ideia do medo do desconhecido, que justifica o fato de os idosos a caracterizarem como traiçoeira e ruim, ancorada em ideia religiosa trazida desde a Idade Média, quando nasceram os conceitos de céu, inferno e julgamento trazido pela igreja cristã. A religiosidade judaico-cristã, ao enfatizar o temor do juízo final com a ideia do Inferno e do Céu católicos, reforçaram a tanatofobia na história do Ocidente. A maioria de nossa população faz parte da religião católica que tem suas raízes na Igreja Cristã da Idade Média (Ariès, 1977). É aí que se percebe como

os idosos se apoiam em Deus para explicar e se confrontar diante de um episódio tão abstrato e inexplicável.

A religiosidade, portanto, é vista como uma arma, um recurso de enfrentamento para aceitar a velhice e a morte. Golstein e Sommerhalder (2002), em pesquisa envolvendo velhice e religiosidade, mostram que a força da religião e da espiritualidade ajuda as pessoas a lidar com as perdas, dando sentido à vida, ajudando a enfrentar os medos e as angústias da morte. Cattani & Girardon-Perlini (2004) mostraram que os cuidadores domiciliares de idosos que apresentavam forte religiosidade e espiritualidade demonstram maior serenidade na resposta a questionário sobre a morte desses idosos. Para eles, por vivermos em país com importante influência religiosa, a relação entre morte e "vontade" de Deus é encontrada recorrentemente.

A certeza da presença de Deus ajuda os idosos a prosseguirem sua vida com perseverança (Frumi & Celich, 2006). A pessoa idosa capaz de dar testemunho da vida é possuidora de sabedoria, pois não vê somente o que é superficial e transitório, mas também percebe o que se eterniza. Os idosos adquirem sua espiritualidade numa longa vida de serviços e trabalhos de sacrifício e sofrimento (Sarmiento & Lima Filho, 2000). Para aqueles que só vivem de seu corpo, a velhice representa decadência, mas, para aqueles que vivem para o espírito, representa a síntese e a revelação. É preciso dar razões de ser para o idoso não se tornar um "*defunctus*" vivo, ou seja, aquele que não tem mais função. Assim, as dimensões da espiritualidade, da responsabilidade e da fé deslocam os polos de afirmação e de ambição do homem para novos caminhos, ampliando o seu horizonte temporal e revitalizando o banal da rotina e da mesmice do viver.

Quando se reveem os rituais que acontecem com a morte dita naturalizada, remete-se à época medieval quando a morte era considerada "domada". Em Carnaíba, no interior pernambucano, Oliveira (2008) relatou que existe um plano funerário, procurado em 90% dos casos por sujeitos idosos, no qual estão inclusos: caixão, flores, bebedouro com água para as pessoas que forem ao velório, velas e castiçais, entre outros. Também é feito um anúncio, em carro de som por toda a cidade, com a nota de falecimento daquele indivíduo. Todos são convidados para o velório e o enterro. O caixão sai em cortejo, da igreja até o cemitério, passando por toda a cidade. As fotos

com o moribundo também fazem parte do ritual. Entretanto, mesmo ocorrendo esses rituais e a morte sendo assistida por todos, o medo do desconhecido e as ideias repulsivas quando se falava de morte estiveram presentes nas falas dos idosos dessa cidade. Assim, a morte é considerada um tabu entre os idosos do interior do estado de Pernambuco, quer seja da zona urbana ou rural, sendo carregada de sentidos negativos. Também foi notada a presença das fases descritas por Klüber Ross (2008), em seus estudos sobre a morte, principalmente a revolta e negação, fases que acompanham tanto as pessoas que estão em fim de vida quanto os seus cuidadores.

Soares *et al.* (2009), entrevistando idosos institucionalizados sobre sua compreensão da morte, observaram que a maioria deles, ao perguntar qual o significado da morte, mostrou-se incomodada, associando a morte à tristeza. Somente a minoria entende a morte com naturalidade, ou seja, como um evento que se faz presente na vida de todo o ser humano.

O envelhecer e a morte se constituem num processo natural da existência humana, porém nem sempre aceito pelos seres que o vivenciam. Mas, quando a morte estiver bem próxima à espreita, quando alguma situação limite o coloca de frente com a realidade insofismável da impermanência, o homem comumente desperta para a reestruturação de sua vida. Uma vez deflagrada a crise da descoberta real da morte, como possibilidade pessoal e tangível, o período que se segue à notícia será vivido não somente de acordo com as particularidades de cada história de vida, mas também, e sobretudo, de acordo com os mecanismos de enfrentamento de cada indivíduo. E será o momento de reviver e revisitar as experiências da vida, encontrando novos sentidos para iluminá-las, conferindo-lhes dimensões apropriadas para a dignidade, descortinando um novo mundo íntimo e sublimando a existência com uma nova espécie de maturidade.

O maior objetivo de nossas vidas é nos conhecermos com profundidade, e usar este conhecimento como meio de cultivar o amor e a afirmação de nossos desejos na condução de nossas vidas. É importante considerar a velhice como a última etapa antes da morte e que se anuncia como a memória viva e preciosa de uma experiência de vida acumulada, um laço indispensável que liga o passado ao futuro e mantém as condições culturais e sociais. A vida interior é fundamental para a compreensão da velhice. O importante é que se use de todas as experiências vividas nos anos de vida para que os

desconfortos físicos sejam sobrepujados. A velhice é uma experiência intensa e variada, é uma derrota e é também uma vitória.

As privações da idade avançada podem-nos fazer descobrir que o envelhecimento exige uma capacidade para aquilo que chamamos de “transcendência do ego”, capacidade de sentir prazer com o prazer dos outros, capacidade para se preocupar com fatos não diretamente ligados aos nossos interesses, capacidade para investir muito de nós mesmos, embora sabendo que não veremos os resultados no mundo do amanhã. Esta “transcendência do ego” nos permite, dando-nos a ideia da mortalidade, uma conexão com o futuro por meio de pessoas ou de ideias, ultrapassando os limites pessoais através de um legado que podemos deixar para as futuras gerações. Como avós, professores, mentores, reformadores sociais, colecionadores ou criadores de artes, entre outros, podemos estabelecer um contato com aqueles que estarão aqui quando partirmos.

Cora Coralina (1997) transborda este sentimento na poesia “Meu epitáfio”:

Morta... serei árvore
Serei tronco, serei fronde
E minhas raízes
Enlaçadas às pedras de meu berço
São as cordas que brotam de uma lira.

Enfeitei de folhas verdes
A pedra de meu túmulo
Num simbolismo
De vida vegetal.

Não morre aquele
Que deixou na terra
A melodia de seu cântico
Na música de seus versos.

Enquanto poucos encaram a morte de frente, sem medo, como algo natural, outros creem ser sempre cedo para a sua chegada e reclamam da falta de tempo para

continuarem vivos, não a aceitando. Teofraste, ao morrer aos 75 anos, lamentava “que a natureza tivesse concedido às gralhas uma vida tão longa e tão inútil e aos homens uma vida quase sempre muito curta”. Renoir, aos 88 anos, disse: “Morremos sempre antes de terminar a nossa tarefa. É a mais triste das tristezas da vida” (Morin, 1970). Entretanto, quando o saber e a história de vida do idoso são valorizados, entendidos e respeitados, este ser frequentemente percebe que sua existência tem um significado. Essas atitudes de consideração, respeito e amor ajudam a acolher o idoso, pois existe o reconhecimento de sua singularidade, promovendo um sentido no envelhecer e possibilitando o enfrentamento da morte. Viorst (1986) cita o sonho de uma mulher idosa que permaneceu com toda a vitalidade até o momento de sua morte, mostrando que a vida pode ser suavemente posta de lado quando é vivida plenamente. No sonho, esta senhora está sentada à mesa e janta com amigos. Está comendo com prazer do seu prato e dos pratos deles. Antes, porém, de terminar o jantar, um garçom começa a tirar a mesa. Ela ergue a mão em protesto, quer evitar que levem a comida. Mas então, reconsidera e lentamente abaixa a mão. Deixa que o garçom tire a mesa, não pretende impedi-lo. Ela não terminou, a comida ainda está saborosa e ela gostaria de comer mais. Mas ela já comeu bastante e está pronta para deixar que o resto seja levado da mesa. Assim, é necessário que tenhamos vivido com intensidade, para não nos arrependermos no momento da morte.

Percebe-se que não há uma fórmula pré-estabelecida sobre como as pessoas entendem a sua própria morte, velhice e perdas. Os caminhos são contraditórios, como o apresentado por Saramago (2005), não há mortes e a vida eterna se exhibe, não há mais o medo da morte, pois ninguém morre: no entanto, tal notícia causa pânico.

Assim, é importante que os profissionais de saúde não permaneçam no silêncio quanto à questão da morte nos atendimentos aos idosos. É necessário um “Programa de preparação para a morte”, no qual seja criado um espaço para que os idosos possam expressar seus medos e fantasias sobre a morte. O objetivo será a melhor elaboração/debate sobre o tema e com isso, fazer com que os idosos convivam melhor com a ideia da morte. Entende-se que esta temática deva ser abordada com naturalidade, pois, à medida que as pessoas tomam consciência de sua finitude, passam a compreender a vida em sua complexidade e podem rever seus valores. Essa reflexão

temática possibilitará que a sociedade (re)aprenda que a morte é essencial para que a vida concretize seu percurso. Assim, dialogar sobre o processo de envelhecimento e a morte possibilita uma compreensão do ser em suas dimensões sociais, culturais, psicológicas e espirituais, permitindo que haja uma melhor qualidade de vida

Para finalizar, transcrevemos o poema “Preparação para a morte”, de Bandeira (1993):

A vida é um milagre.
Cada flor,
Com sua forma, sua cor, seu aroma,
Cada flor é um milagre.
Cada pássaro,
Com sua plumagem, seu vôo, seu canto,
Cada pássaro é um milagre.
O espaço, infinito,
O espaço é um milagre.
O tempo, infinito,
O tempo é um milagre.
A memória é um milagre.
A consciência é um milagre.
Tudo é milagre.
Tudo, menos a morte.
Bendita a morte, que é o fim de todos os milagres.

Referências

- Ariès, P. (1977). *Historia da morte no Ocidente: da Idade Média aos nossos dias*. Rio de Janeiro (RJ): Francisco Alves.
- Bandeira, M. (1993). *Manuel Bandeira. Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro (RJ): Nova Aguilar.
- Becker, E. (1973). *The denial fo death*. New York: Simon & Schuster.
- Bowlby, J. (1999). *Attachment*. (2nd ed.). New York (EUA): Basic Books.

- Carvalho, A.A, Gomes, L. & Loureiro, A.M.L. (2010). Tabagismo em idosos internados em Instituições de Longa Permanência. *Jornal Brasileiro de Pneumologia*, 36, 339-346. (impresso).
- Cattani, R.B. & Girardon-Perlini, N.M.O. (2004). Cuidar do idoso doente no domicílio na voz de cuidadores familiares. *Revista Eletrônica de Enfermagem*, 6(2), 254-271.
- Coralina, C. (1997). *Meu livro de cordel*. São Paulo (SP): Global.
- Elias, N. (2001). *A solidão dos moribundos, seguido de envelhecer e morrer*. Rio de Janeiro (RJ): Jorge Zahar.
- França, L.S. (2012). Quando o entardecer chega... o envelhecimento ainda surpreende muitos. Recuperado em 12 janeiro, 2013, de: <http://www.guiarh.com.br/pp46.html>.
- Frumi, C. & Celich, K.L.S. (2006, jul./dez.). O olhar do idoso frente ao envelhecimento e à morte. *Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano*, 92-100. Passo Fundo (RS).
- Golstein, L. & Sommerhalder, C. (2002). Religiosidade, espiritualidade e significado existencial na vida adulta e velhice. *Tratado de Geriatria e Gerontologia*. Rio de Janeiro (RJ): Ed. Guanabara.
- Gomes, L. (2004). O velho diante da morte. *Revista Kairós*, 2004: 211-223.
- Gomes, L., Alves, V.P., Freitas, M.H. & Vianna, C. (2006). O medo da morte. *Jornal Brasileiro de Medicina*, 90.
- Jung, C.G. (1964). *O homem e seus símbolos*. Rio de Janeiro (RJ): Nova Fronteira.
- Kastenbaum, R. & Aisenberg, R. (1983). *Enfrentando o pensamento de morrer. Psicologia da morte*. São Paulo (SP): Pioneira.
- Kovács, M.J. (Coord.). (2002). *Morte e desenvolvimento humano*. São Paulo (SP): Casa do Psicólogo.
- _____. (2009). Educação para a Morte. In: Santos, F.S.dos (Org.). *Cuidados Paliativos: discutindo a vida, a morte e o morrer*, 45-58. São Paulo (SP): Atheneu.
- Klüber, R. (2008). *Sobre a morte e o morrer*, 05-14. São Paulo (SP): Martins Fontes.
- Loureiro, A.M.L. (2000). *A velhice, o tempo e a morte. Subsídios para possíveis avanços do estudo*. (1ª reimpr.). Brasília (DF): Editora Universidade de Brasília.
- _____. (2007). *Finitude: Assistência ao idoso terminal - representação da morte, perda de idosos no imaginário dos cuidadores*. In: II Curso de Cuidadores de Idosos. Brasília: SBGG.
- Morais, M.L.G. (1977). *A sala de espera: um estudo da ideologia do velho asilado*. Dissertação de mestrado. Brasília (DF): Universidade de Brasília.
- Morin, E. (1970). *L'homme et la mort*. Paris (France): Seuil.
- Novaes, M.R.C.G. & Trindade, E.M. (2007). A morte e o morrer: considerações bioéticas sobre a eutanásia e a finitude da vida no contexto da relação médico-paciente. *Com. Ciências Saúde*, 18(1): 69-77.

- Oliveira, S.C.F. (2008). O olhar do idoso sobre a finitude. Um estudo sobre as representações sociais da morte em idoso de uma cidade do sertão pernambucano. Dissertação de mestrado. Recife (PE): Universidade Federal de Pernambuco.
- Py, L., Pacheco, J.L. & Oliveira J.F.P. (2009). Morte na velhice. In: Santos, F.S. (Org.). *Cuidados paliativos: discutindo a vida, a morte e o morrer*, 179-191. São Paulo (SP): Atheneu.
- Saramago, J. (2005). *As intermitências da morte*. São Paulo (SP): Companhia das Letras.
- Sarmiento, S. & Lima Filho, J.B. (2000). A terceira idade na pastoral da criança: de bem com a vida. Curitiba (PR): Pastoral da Criança.
- Shakespeare, W. (1975). *The complete works of William Shakespeare*. New York (EUA): Chatham River Press.
- Soares, J.A., Silva, R.F., Rosa, L.J., Galvão, E.A. & Ribeiro, R.N. (2009). O idoso institucionalizado e a reflexão sobre a própria morte. *Revista Kairós Gerontologia*, 12(1), 135-147. São Paulo (SP), Brasil: FACHS/NEPE/PEPGG/PUC-SP.
- Yalom, I.D. (2008). *A cura de Schopenhauer*. Rio de Janeiro (RJ): Ediouro.
- Viorst, J. (1986). *Perdas necessárias*. São Paulo (SP): Melhoramentos.
- Ziegler, J. (1977). *Os vivos e a morte. Uma sociologia da morte no Ocidente e na diáspora africana no Brasil e seus mecanismos culturais*. Rio de Janeiro (RJ): Zahar.

Recebido em 01/08/2012

Aceito em 20/08/2012

Lucy Gomes - Médica, professora do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Gerontologia, Universidade Católica de Brasília (UCB); professora Titular de Clínica Médica, Universidade de Brasília (UnB) (aposentada).

E-mail: lucygomes@pos.ucb.br

Altair Macedo Lahud Loureiro - Educadora - Antropologia do imaginário; professora do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Gerontologia, Universidade Católica de Brasília (UCB); professora aposentada da Universidade de Brasília (UnB).

E-mail: altaira@uol.com.br

Vicente Paulo Alves - Cientista da Religião, Professor e Diretor do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Gerontologia, Universidade Católica de Brasília (UCB).

E-mail: tutorvicente@ucb.br